

## INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA VIRTUDE EM ARISTÓTELES

Paulo Sérgio Cruz Barbosa\*

**Resumo:** O artigo trata de uma leitura introdutória sobre a virtude em Aristóteles. Esse tema é importante porque a partir do entendimento de justiça, principalmente em *Ética a Nicômaco*, é possível traçar um fio condutor para entender diferentes áreas do pensamento ético do filósofo. Para o pensador grego, a virtude é uma manifestação da alma. Isso significa que há uma disposição de caráter que se relaciona com a escolha de ações diante das paixões, trata-se de uma atitude ética que consiste em uma mediania determinada por um princípio próprio do homem dotado de sabedoria prática.

**Palavras-Chave:** Virtude, Ética, Alma, Justiça, Felicidade.

## INTRODUCTION À L'ÉTUDE DE LA VERTU DANS ARISTÓTELES

**Résumé:** L'article traite d'une lecture introductive sur "la vertu chez Aristote". Ce thème est important parce que de la compréhension de la justice, en particulier dans l'Éthique de Nicomaque, il est possible de tracer un fil pour comprendre les différents domaines de la pensée éthique du philosophe. Pour le penseur grec, la vertu est une manifestation de l'âme. Cela signifie qu'il y a une disposition de caractère qui est liée au choix des actions avant les passions, et qui est cohérente dans une médiane (moyen terme) qui est déterminée par un principe rationnel propre à l'homme doué de sagesse pratique.

**Mots Clés:** Vertu, Ethique, Âme, Justice, Bonheur.

### Introdução

A ética de Aristóteles é essencialmente teleológica. Isto é, toda ação pressupõe um *fim*. Portanto, todas as pessoas, quando realizam uma ação, almejam a finalidade desta ação e esse fim é sempre um *bem*. Pode-se dizer que o *bem* é a finalidade de todas as coisas, aquilo a que todas as coisas tendem. Aristóteles ressalta isso em *Ética a Nicômaco*, que é a sua principal obra sobre as virtudes.

Toda arte e toda investigação, bem como toda ação e toda escolha, visam um bem qualquer; e por isso foi dito, não sem razão, que o bem é aquilo a que as coisas tendem. Mas entre os fins observa-se uma certa diversidade: alguns

---

\* Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Professor de Filosofia e Sociologia da rede particular de ensino em Fortaleza - CE. Membro do Grupo de Estudos Rousseau da Universidade Federal do Ceará - UFC. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9243062912712965>; E-mail: [psfilosofia@gmail.com](mailto:psfilosofia@gmail.com)

## **OCCURSUS** **REVISTA DE FILOSOFIA**

são atividades, outros são produtos distintos das virtudes das quais resultam; e onde há fins distintos das atividades das quais resultam; e onde há fins distintos das ações, tais fins são, por natureza, mais excelentes do que as últimas.<sup>81</sup>

Assim, como as ações são inúmeras, cada ação tem a sua finalidade. Por exemplo: o *fim* da medicina é a saúde, o da construção naval é um navio, o da estratégia militar é a vitória e o da economia é a riqueza.

Os *fins* são muitos e diversos na dinâmica das ações, porém deve haver um fim último para todas as coisas, algo onde tudo o que se faz seja para atender ao interesse desse *fim*. Ele deve ser o bem supremo, conhecê-lo e saber como é possível alcançá-lo é uma virtude. Segundo Aristóteles, este *bem* que todo homem almeja é a *felicidade*.

Em palavras, quase todos estão de acordo, pois tanto o vulgo como os homens de cultura superior dizem que este bem é a felicidade e consideram que o bem viver e o bem agir equivalem a ser feliz; porém, divergem a respeito do que seja a felicidade e o vulgo não sustenta a mesma opinião dos sábios.<sup>82</sup>

No âmbito da ética, o *sumo bem* é a *felicidade*, mas nem todo homem sabe onde e como encontrá-la. Algumas pessoas procuram na riqueza, outras no poder, outras ainda no prazer e na honra; contudo tais coisas não são um *fim*, e sim um *meio*. Portanto, o *fim* (a *felicidade*) não está nem na riqueza nem no poder, muito menos no prazer e na honra, pois estes são apenas instrumentos de procura que podem conduzir até ela.

Segundo Aristóteles, não se pode encontrar a *felicidade* de forma simples, pois sua essência é complexa. Isso significa que, para encontrá-la, é preciso passar por um árduo caminho que leve a interioridade (*alma*) e a exterioridade (sociabilidade). Com outros termos, para que o homem possa vislumbrá-la, faz-se necessário levar em consideração a manifestação da *alma* (vida contemplativa) e a dinâmica das atitudes (vida política). Portanto, é a conciliação entre a contemplação e a ação que pode propiciar a *felicidade*.

Então, o que seria capaz de propiciar um esclarecimento científico e racional sobre a práxis do bem supremo? Para Aristóteles, a arte que tem a competência

---

<sup>81</sup> *Ética a Nicômaco*, I, 17.

<sup>82</sup> *Ibidem*, 19.

educativa para isso é a *Política*. Ela é a arte mestra, pois todas as ações dos cidadãos e do *Estado* estão subordinadas às decisões políticas, assim como todas as outras artes também ficam subordinadas a ela.

Se todo homem é um animal político por natureza, a *felicidade* só é possível na vida social e na participação política. Por isso, a necessidade do homem ser sempre virtuoso em suas ações para que se possa vislumbrar o bem supremo, pois a *felicidade* está não para todo homem, mas para todo homem que seja virtuoso. Desse modo, as virtudes são uma manifestação da *alma* a qual busca, constantemente, a *felicidade*.

### **A virtude: o equilíbrio da *alma***

Segundo Aristóteles, as virtudes caracterizam-se, principalmente, pelo *meio-termo* entre a falta e o excesso. Existem duas espécies de virtudes: a intelectual e a moral. A primeira resulta do ensino e, por isso, precisa de experiência e tempo; a segunda é adquirida através do hábito, sendo construída através do exercício, como acontece com as artes, por exemplo:

Como vimos, há duas espécies de virtude, a intelectual e a moral. A primeira deve, em grande parte, sua geração e crescimento ao ensino, e por isso requer experiência e tempo; ao passo que a virtude moral é adquirida em resultado do hábito, de onde o seu nome se derivou, por uma pequena modificação dessa palavra.<sup>83</sup>

Portanto, virtude, na concepção do filósofo, trata-se de uma disposição da *alma* adquirida com a força do hábito. Ela (a virtude) tem o poder de fazer do homem um ser *bom*. No entanto, para que isso seja possível faz-se necessário que ele seja justo em suas ações. Diante disso, cabe uma interrogação: como é possível ter atos virtuosos e consequentemente ser um homem justo? Com outros termos: diante da realidade das *paixões*, como encontrar um *meio-termo* entre o que se falta e o que se excede? Conforme Aristóteles, é justamente através do equilíbrio das ações (*meio-termo*)<sup>84</sup> que o homem pode ser justo. A educação para a prática dos atos justos deve acontecer a partir da razão e desde muito cedo. Logo, se um homem é virtuoso é porque ele é do *bem*.

<sup>83</sup> Ibidem, 40.

<sup>84</sup> Por meio-termo no objeto quero significar aquilo que é equidistante em relação aos extremos, e que é o único e o mesmo; e por meio-termo em relação a nós, quero dizer aquilo que não é nem demasiado nem muito pouco, e isto não é o único e o mesmo para todos.<sup>84</sup> (Ibidem. II, 47).

Isso significa que ele escolheu, racionalmente, o *bem* e passou a praticá-lo, porque a virtude do homem também será a disposição a qual o torna *bom*. A virtude é, pois, uma disposição de caráter que determina as escolhas das ações e que consiste, essencialmente, na observância do *meio-termo* ou *mediana* diante das ações.

A virtude é, então, uma disposição de caráter relacionada com a escolha de ações e paixões, e consistente numa mediana, isto é, a mediana relativa a nós, que é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. E um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta, pois nos vícios ou há falta ou há excesso daquilo que é conveniente no que concerne as ações e as paixões, ao passo que a virtude encontra e escolhe o meio-termo. Portanto, acerca do que ela é, isto é, qual é a definição da sua essência, a virtude é uma mediana, porém com referência ao sumo bem e ao mais justo, ela é um extremo.<sup>85</sup>

É importante ressaltar que nem todo tipo de *paixão* admite a prática do *meio-termo*, visto que há algumas ações oriundas de certas *paixões* as quais implicam maldades por si mesmas, como a inveja, por exemplo; na essência dela há somente o mal, pois a maldade é inerente à sua natureza, impedindo um correspondente virtuoso.

Nesse sentido, Aristóteles apresenta dois tipos de *paixões*: voluntárias e involuntárias. Esses dois tipos devem ser levados em consideração no momento da ação. É involuntária aquela ação que acontece por meio de impulso ou ignorância. Nesse tipo de ação, não há muita responsabilidade, no entanto, a ação voluntária pode ser fruto de um ato de escolha e, nesse caso, a responsabilidade é maior. Todavia, é importante mencionar que o “ato de escolher” parece ser voluntário, mas não se identifica totalmente ao “ser voluntário”, porque o ato de escolher tem um conceito mais extenso. A escolha envolve um princípio racional, ou seja, o pensar. Por isso, determinadas ações serão involuntárias ou voluntárias de acordo com as circunstâncias:

Tais atos, então, são mistos, mas se assemelham mais a atos voluntários em função de serem escolhidos no momento em que se fazem, e a finalidade de uma ação varia conforme as circunstâncias. Assim, ambos esses termos, “voluntário” e “involuntário”, devem ser usados com referência ao momento da ação.<sup>86</sup>

O homem é um ser racional e isso o diferencia consideravelmente dos outros animais. É a capacidade de pensar que faz o homem fazer escolhas. Então ele pode escolher ser justo ou injusto. A justiça é um desejo deliberado e pertence ao universo da

<sup>85</sup> Ibidem. I, 49.

<sup>86</sup> Ibidem. III, 56.

virtude. Já que o homem justo saberá escolher o ato que seja justo. Para Aristóteles o homem, quase sempre é o principal responsável por suas próprias ações, visto que é um ser pensante. Assim, tanto o bem como o vício são, na maioria das vezes, atos voluntários. Por isso cabe à consciência de cada um escolher o bem ou o mal.

### As virtudes morais

As principais virtudes morais são: a *coragem*, a *temperança*, a *liberalidade*, a *magnificência*, a *magnanimidade* e a *justiça*. Mas, segundo Marilena Chauí, em sua obra *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*, o quadro das virtudes morais em Aristóteles é bem mais complexo.

Abaixo será apresentado um quadro que irá representar as virtudes morais divididas segundo a interpretação de Marilena Chauí:

#### AS VIRTUDES MORAIS EM ARISTÓTELES<sup>87</sup>

| Sentimento ou paixão (por natureza). | Situação em que o sentimento ou a paixão são suscitados. | Vício (excesso) (por deliberação e por escolha). | Vício (falta) (por deliberação e por escolha). | Virtude (justo meio) (por deliberação e por escolha). |
|--------------------------------------|--|--|--|---|
| Prazeres                             | Tocar, ter, ingerir.                                     | Libertinagem                                     | Insensibilidade                                | Temperança  |
| Medo                                 | Perigo, dor.   | Covardia   | Temeridade                                     | Coragem   |
| Confiança                            | Perigo, dor.   | Temeridade                                       | Covardia                                       | Coragem   |
| Riqueza                              | Dinheiro, bens.  | Prodigalidade                                    | Avareza  | Liberalidade  |
| Fama                                 | Opinião alheia.  | Vaidade  | Humildade                                      | Magnificência   |
| Honra                                | Opinião alheia.  | Vulgaridade                                      | Vileza   | Respeito próprio                                      |
| Cólera                               | Relação com os outros.                                   | Irascibilidade                                   | Indiferença                                    | Gentileza   |
| Convívio                             | Relação com os outros.                                   | Zombaria   | Grosseria                                      | Agudeza de espírito                                   |
| Conceder prazer                      | Relação com os outros.                                   | Condescendência                                  | Tédio  | Amizade   |
| Vergonha                             | Relação de si com outros.                                | Sem-vergonhice                                   | Timidez  | Modéstia  |

<sup>87</sup> Chauí, M.S. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*, p. 27.

## OCCURSUS

### REVISTA DE FILOSOFIA

|                             |                             |              |              |                  |
|-----------------------------|-----------------------------|--------------|--------------|------------------|
| Sobre a boa sorte de alguém | Relação dos outros consigo. | Inveja       | Malevolência | Justa apreciação |
| Sobre a má sorte de alguém  | Relação dos outros consigo. | Malevolência | Inveja       | Justa indignação |

Como foi exposta no quadro representativo, a coragem é o *meio-termo* entre o medo e a audácia. O homem corajoso é justamente aquele que não teme os perigos mais incomuns a não ser o medo da morte. Ela é uma virtude que enobrece a *alma*. A covardia e a temeridade são respectivamente a carência e o excesso. E a coragem ou a bravura fica no meio.

A temperança é o justo meio em relação aos prazeres; a intemperança é a insensibilidade à falta deles. Ao homem intemperante somente interessa o gozo do objeto em si, no comer, no beber e na união dos sexos. Por causa dos prazeres, a intemperança é, dentre os vícios, a mais difundida e motivo de censura, porque os domina não como homens, mas como animais. Estas duas virtudes são muito importantes na construção do equilíbrio. Elas permitem que o homem seja justo em suas atitudes.

A liberalidade é o justo meio no que diz respeito ao uso dos bens materiais. O equilíbrio da ação está tanto no ato de dar como no de receber. O homem liberal é aquele que mantém o justo meio no ato de receber e a virtude que está ligada à liberalidade é a magnificência, esta modera as despesas das grandes riquezas. A avareza é deficiente no dar e o excesso no receber; a prodigalidade excede no dar e no não receber; elas não tardam em exaurir as posses porque dão em excesso.

A virtude das grandes coisas é a magnanimidade. O homem magnânimo é aquele que se considera digno de grandes coisas, ele quer ser sempre o maior. Mas para Aristóteles não é fácil ser magnânimo, pois para sê-lo se faz necessário ser *bom*. Então, esta virtude implica a bondade. Só é verdadeiramente grande quem é *bom*.

Sobre a justiça, defende-se que ela é um tema central na filosofia ética de Aristóteles. Mas o que seria a justiça na visão do filósofo?

## **OCCURSUS**

### **REVISTA DE FILOSOFIA**

Aquela disposição de caráter que torna as pessoas propensas a fazer o que é justo, que as faz agir justamente e a desejar o que é justo; e de modo análogo, a injustiça é a disposição que leva as pessoas a agir injustamente e a desejar o que é injusto.<sup>88</sup>

Como foi visto, a justiça é a disposição de caráter que torna as pessoas propensas a desejar o que é justo e a fazê-lo. Por propiciar sempre o bem, ela é considerada pelo filósofo como a maior de todas as virtudes. É importante ressaltar que a justiça está diretamente ligada à participação política, pois o homem justo é aquele que sabe respeitar as leis sociais e o homem injusto faz o contrário.

Tanto o homem que infringe a lei como o homem ganancioso e ímprobo são considerados injustos, de tal modo que tanto aquele que cumpre a lei como o homem honesto obviamente serão justos. O justo, portanto, é aquele que cumpre e respeita a lei e é probo, e o injusto sem lei e ímprobo.<sup>89</sup>

Como a justiça é a maior de todas as virtudes, ela age como uma grande educadora do homem, ou seja, o melhor de todos os homens é aquele que é justo.

Assim, essa forma de justiça é a virtude completa, embora não de modo absoluto, mas em relação ao próximo. Por isso, a justiça é muitas vezes considerada a maior das virtudes, e nem Vésper e nem a estrela-d'alva são tão maravilhosas; e proverbialmente, “na justiça se resumem todas as virtudes”<sup>90</sup>

Como foi mencionado, Aristóteles defende que a justiça é a virtude mais perfeita. Ela é, indubitavelmente, a maior e a melhor de todas as virtudes. É ela que realmente torna o homem virtuoso não só para si, mais também para a vida política. Segundo o filósofo o melhor dos homens é aquele que consegue esta proeza e o pior aquele que não tem caráter suficiente para tal atitude.

É importante ressaltar que é o caráter voluntário ou involuntário que determina o justo. O homem somente é justo quando age de maneira voluntária, e se age involuntariamente não é justo nem injusto, a não ser por acidente. Isso mostra a total responsabilidade do homem diante dos seus atos, suas escolhas que irão torná-lo justo ou injusto.

---

<sup>88</sup> *Ética a Nicômaco*, V,103.

<sup>89</sup> *Ibidem*, 104.

<sup>90</sup> *Ibidem*, V, 105.

Ainda, dentre as outras virtudes, pode-se também destacar a doçura a qual é o justo meio entre o sentimento de irritação e a força. Para o filósofo o homem doce não é vingativo, mas sempre está disposto a perdoar.

Diante do estudo de todas as virtudes, sabe-se que a importância da prática de todas elas no dia a dia é possibilidade de vida feliz. De acordo com Phillipe, “as virtudes podem ser consideradas como virtude de moderação de nossos prazeres e de nossas covardias, portanto, como espécies de temperança e de força.”<sup>91</sup> Eis a importância delas na construção da *felicidade*.

### **As virtudes intelectuais**

Depois do estudo sobre as virtudes morais, faz-se necessária uma leitura sobre as virtudes intelectuais. Elas também são disposições da alma e através delas a alma pode vislumbrar a verdade. As principais são: a arte, o conhecimento científico, a sabedoria prática, a sabedoria filosófica e a razão intuitiva. Mais precisamente, elas se dividem assim:

- Arte ou *technè*;
- Ciência ou *epistéme*;
- Sabedoria prática, ou *frónesis*;
- Sapiência, ou *sofia*;
- Intelecto ou *noús*.

A arte é uma disposição do ato de fazer, uma virtude que exige mais produção do que ação, por isso é uma excelência intelectual; o conhecimento científico é criação e transformação, elas capacitam o homem para a evolução da aprendizagem; a sabedoria prática é uma disposição da alma que tem a capacidade de ajudar o homem a discernir sobre o que é bom ou ruim para si e para outro. Desse modo, o homem sábio delibera sobre as coisas boas tanto no capô individual como diante da vida social e política; a razão intuitiva é aquilo pelo qual se aprende as últimas premissas de onde parte a ciência, é através dela que se tem consciência dos primeiros princípios racionais; a sabedoria teórica é a combinação da intuição com a ciência, ela se aproxima muito de

---

<sup>91</sup> Phillipe M.D. *Introdução à Filosofia de Aristóteles*, p. 57.



“Sofia”, ou “Filosofia”, e é através dela que o homem pode chegar à verdade, por isso ela é a ciência perfeita.

É evidente que a mais exata das ciências será a sabedoria. O sábio, portanto, deve conhecer não somente, o que provém dos princípios, como também a verdade sobre os princípios. Assim, ao mesmo tempo, a sabedoria será o nous e ciência, e elas terão de certa forma uma cabeça, ciência das realidades mais sublimes.<sup>92</sup>

Dentre as virtudes intelectuais, destaca-se a “sabedoria”, por se identificar com a Metafísica ou “filosofia primeira”, e ser a mais elevada das ciências teóricas, ou como diria o filósofo, “ciência das realidades mais sublimes”. É importante ressaltar que o homem sábio é o homem prudente, mas a prudência está a serviço da sabedoria. Nesse sentido, a prudência é o meio e a sabedoria é o fim e, comparavelmente, uma é a saúde e a outra, a medicina.

### **Considerações finais**

Depois dessa leitura introdutória sobre “as virtudes em Aristóteles”, pode-se concluir que todos os tipos de virtudes são necessárias para a construção do bem maior almejado por todos: a felicidade. Foi visto que para isso deve-se considerar um fio condutor lógico: “faculdades da alma”, “a virtude” e a “prática”, ou seja, a contemplação e a ação. Isso significa que há uma ligação muito forte do tema que trata das virtudes com o assunto da felicidade.

Por exemplo, segundo Aristóteles, todo ser humano almeja um *bem supremo*, a *felicidade*. No entanto, muitas vezes, ele não sabe onde encontrá-la. Alguns procuram nos prazeres ou no poder, outros no dinheiro ou nas horárias, e outros em qualquer outra coisa. Isto é, há uma confusão entre o fim e o meio. Ora, o que é o meio? E o que é o fim? O fim último é a felicidade, e todo o restante é o meio, então não se pode confundir isso. A *felicidade* é também “certa atividade de alma conforme a excelência perfeita”. Então, faz-se necessário examinar a natureza dessa excelência, ou seja, a justiça, pois é o caráter que faz o homem ser justo e feliz.

---

<sup>92</sup> *Ética a Nicômaco*, V, 132.

Assim sendo, o homem virtuoso é consequentemente feliz. Portanto, a felicidade é um bem propriamente humano e construído a partir da consciência ética. Para nosso autor, a felicidade é efetivada, principalmente, na *polis*, ela se demonstra na realidade do bem comum. Em suma, a felicidade é a arte de viver bem, é o bem supremo sob o qual todas as ações do homem estão voltadas para esse fim. Portanto, o homem que escolhe ser justo é agraciado com os benefícios da justiça.

### Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. (Trad. do grego: Mário da Gama Kury). Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1985.

\_\_\_\_\_. *De anima*. Apresentação, Trad. e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Ed. 34, 2006.

\_\_\_\_\_. *Política*. (Trad. do grego: Mário da Gama Kury). Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1985.

BITTAR, Eduardo. C.B. *A justiça em Aristóteles*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2001.

FHILIPPE, Marie-Dominique. *Introdução à filosofia de Aristóteles*. São Paulo: Paulus, 2002.

NODARI, Paulo Cesar. *A ética aristotélica – Artigo - UFMG — BH, 2007*.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e sociabilidade*. São Paulo, Loyola, 1993.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga: II Platão e Aristóteles*. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994. pp. 405 a 431.